

grande mobilização nacional, ocorreu a volta à periferia e o fortalecimento de uma vida associativa. Na visão do autor são os jovens imigrantes que têm maiores capacidades de transformar as lógicas da *galère*, porque estão constantemente desafiados por um apelo de identidade ao enfrentar o racismo e ao vivenciar a dualidade do sentimento de não pertencimento e da vontade de integração. Esses jovens imigrantes conseguem definir-se melhor ao confrontar-se ou aliar-se a outros atores.

Para que seja possível encontrar saídas da *galère*, os atores devem encontrar nela dimensões positivas, pontos de apoio de uma ação organizada e de um projeto, espaços de resistência e de autonomia. O que é certo é que não é o trabalho o que alavanca a mobilização, mas sim os problemas da autonomia e da personalidade, a busca de maior capacidade de expressão cultural. Nesse sentido, aparecem com força os aliados externos, tais como os animadores culturais que atuam nesses espaços urbanos.

Ao final do trabalho, não fica claro o que o autor espera das diferentes instâncias de socialização em relação aos jovens da *galère* que buscam inserção e sentido. Para o leitor, fica ainda o mal estar diante da ausência de projetos e de saídas para o problema da exclusão social.

Cristina Almeida Cunha Filgueiras
CIEPLAN - Corporación de
Investigación Económica para
América Latina

DUBET, François;
MARTUCELLI, Danilo. *A l'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris. Seuil, 1996, 362 p.

François Dubet, professor de Sociologia na Universidade de Bordeaux II, após uma trajetória de quase vinte anos (sua primeira publicação — “Lutte étudiante”, em co-autoria — data de 1978), publica, com Danilo Martuccelli (pesquisador no CNRS) os resultados de uma pesquisa de campo, por meio da qual puderam, juntamente com sua equipe, observar e entrevistar alunos cuja idade escolar corresponde às séries iniciais do ensino fundamental (“les écoliers”), à segunda fase do ensino fundamental (“les collégiens”) ao ensino médio (“les lycéens”).

Ambos, pesquisadores na École des Hautes Études em Ciências Sociais, Paris, debruçaram-se sobre os dados coletados, buscando ultrapassar a mera constatação, descrevendo e objetivando compreender a experiência que cada aluno tinha em sua escola.

É importante ressaltar que “*À l'école*” como seu subtítulo indica — “Sociologia da experiência escolar”, significa um amadurecimento das idéias apresentadas por Dubet em obra anterior — “Sociologia da Experiência” (Paris, Seuil, 1994). Delimitando seu campo de análise, ou seja, a escola, os autores a revisitam, partindo de seu interior, da experiência que os alunos (crianças, adolescentes e jovens) vivenciam por intermédio das relações com os adultos, seus professores e pais.

A pesquisa

“*A fim de melhor analisar os processos educativos, os grupos de*

pesquisa foram constituídos, na maior parte dos casos, por sociólogos, aos quais vieram associar-se professores-pesquisadores em Psicologia e em Ciências da Educação.” (p. 347).

A integração intelectual das equipes de pesquisa foi assegurada por grupos de reflexão, que se reuniam periodicamente, incluindo, além dos profissionais já mencionados, estudantes que elaboravam suas teses em Sociologia, em Psicologia e em Ciências da Educação, como também psicólogos escolares e um orientador educacional.

A pesquisa desenvolveu-se em dois momentos. Primeiramente, uma vez escolhidos os estabelecimentos, procedia-se à coleta dos documentos e à realização de entrevistas semidiretivas junto aos sujeitos da pesquisa, para se formar, segundo os autores, uma imagem de cada situação. Em um segundo momento, as equipes desenvolviam um estudo em profundidade de cada tipo de atores, mediante um trabalho de grupo, momento esse considerado, pelos autores, como a parte principal da pesquisa.

Como membro do CADIS (Centro de Análise e de Intervenção Sociológica), grupo criado por Alain Touraine, François Dubet utiliza mais uma vez, em sua carreira de pesquisa, o método da “intervenção sociológica”, visando extrair as dimensões e os mecanismos da experiência social, levando os atores não somente a testemunhar sua experiência, mas também a produzirem uma análise de seus problemas.

Durante quase três anos, quatorze grupos reuniram-se duas vezes por semana, além de alguns meio-períodos de trabalho. Os nove grupos de estudantes e cinco de adultos (incluindo grupos de

professores, de pais e um de especialistas da infância e da juventude) foram compostos visando diversificar os contextos sociais, incluindo membros dos meios populares e das classes médias. Cada grupo de intervenção foi composto por uma média de dez pessoas que descreviam, contavam, expunham suas escolhas, suas estratégias, suas emoções a partir daquilo que os unia e produziam suas reflexões que foram objeto de uma discussão posterior com os pesquisadores.

Dubet e Martuccelli afirmam: *“A principal originalidade desse método refere-se à construção de um debate entre os pesquisadores e os atores”*. (1996, 15). Os pesquisadores propõem análises sociológicas do trabalho do grupo e pedem aos atores que reajam, reconhecendo-se nas análises apresentadas ou mesmo recusando-as.

Cabe ressaltar a presença de um outro material de pesquisa, além dos grupos de intervenção: anotações de entrevistas individuais junto aos alunos e aos adultos, e de observações realizadas no decorrer da formação dos grupos.

A obra

O livro está dividido em cinco partes: 1. Escola e Educação; 2. A escola elementar; 3. No colégio; 4. No liceu; 5. Educação e Sociologia, além de uma Introdução, Conclusão, um Posfácio e um anexo intitulado Pesquisa, apresentando alguns detalhes dos grupos de intervenção e indicando os componentes e os pesquisadores responsáveis por cada grupo.

Na Introdução, os autores apresentam o problema central do livro:

“Perguntando sobre o que a escola fabrica, nós gostaríamos de saber que tipos de ator social e de sujeito se formam durante longas horas e numerosos anos passados na

escola, entendendo que a escola não se reduz à sala de aula, que ela é feita também de mil relações entre professores e alunos, que ela é um dos espaços essenciais da vida infantil e juvenil”. (p. 11).

Preocupados com as mudanças pelas quais passam a escola, na França, tanto em sua forma como em sua natureza (novos valores, novas regras, novos objetivos), os autores preocupam-se em detectar como os alunos constroem sua experiência, na qual estes ‘fabricam’ relações, estratégias e significados, por meio dos quais eles se constituem a si mesmos.

A sintonia entre teoria e método manifesta-se na medida em que, através da “intervenção sociológica”, a “experiência social” passa a ser desvendada.

“É necessário apreender a experiência por meio de um grupo, para fazer emergir a especificidade dos trajetos e das sensibilidades pessoais, evitando o fechamento do testemunho sobre si mesmo, provocado, algumas vezes, pela relação face a face da entrevista individual.” (pp. 14 e 15).

Ainda na Introdução, os autores referem-se ao processo de formação dos atores:

“Inicialmente, os alunos da escola elementar são dominados por um princípio de integração, de interiorização das expectativas dos adultos. Depois, no colégio — (que corresponde, no sistema escolar brasileiro, às séries da segunda etapa do ensino fundamental) — eles entram na afirmação de uma subjetividade que introduz uma certa tensão com a escola. Enfim, no liceu (que corresponde ao nosso ensino médio) eles atingem uma racionalidade definida pelas utilidades escolares, e uma possibilidade de “vocação”, construída pelo interesse próprio por

certas disciplinas. (...) A escola não é somente desigual, ela produz também diferenças subjetivas consideráveis, ela sustenta uns e enfraquece outros, uns se formam na escola, outros fora, apesar dela e contra ela”. (pp. 17 e 18).

A primeira parte, Educação e escola, é composta de um capítulo que aborda as mudanças da escola atual em relação à escola republicana, mostrando como a Educação não pode mais ser pensada como uma prática institucional. É nesse capítulo que os autores explicitam a definição de “experiência escolar”, um dos conceitos-chave de sua obra: *“Experiência escolar será definida como a maneira pela qual os atores, individuais ou coletivos, combinam diversas lógicas da ação que estruturam o mundo escolar”*. (p. 62).

A segunda parte — “Na escola elementar” — é composta por três capítulos, em que os autores apresentam os fenômenos detectados e as respectivas análises sobre o mundo dos alunos; as relações entre os pais e a escola, e a experiência social dos professores.

A terceira parte — “No Colégio” — é estruturada em quatro capítulos: o primeiro aborda a experiência colegial, incluindo as expectativas, as estratégias escolares, as diferenças de gênero (rapazes e moças), bem como as tensões e os sentimentos vivenciados no interior da escola. Os dois seguintes descrevem a experiência colegial em contextos sociais contrastantes — um colégio de periferia, popular e um “bom colégio” de classes médias. O último capítulo aborda a experiência dos professores.

Na quarta parte — “No liceu” —, os autores apresentam dois capítulos refletindo, no primeiro, sobre a vida juvenil, as escolhas e estratégias, o instrumentalismo

escolar, as tensões da experiência, dentre outros temas. No segundo capítulo, encontramos reflexões sobre alguns dos fenômenos detectados, ou seja; a subjetivação, a alienação e a resistência à ordem escolar.

A última parte do livro, "Educação e Sociologia", tem por objeto, segundo os autores, não a descrição precisa do campo da Sociologia da Educação, mas, sim, a ordenação de um raciocínio, associando as mutações da escola às de suas análises. Três grandes períodos são destacados pelos autores: no interior da Sociologia da Educação, o "momento fundador" da escola republicana, referente a um pensamento social que se poderia qualificar de "*paideia* funcionalista"; em seguida, um período marcado por uma série de críticas, que, segundo os autores, são ainda o coração da Sociologia da Educação atual, e cuja teoria da reprodução pode aparecer como uma síntese durante os anos setenta. Em seguida, com a emergência de um sentimento de crise profunda da escola, com o declínio dos contra-modelos revolucionários, a Sociologia da Educação — afirmam os autores — diversificou-se e freqüentemente faz de si a "especialista" dos problemas da escola. O último capítulo volta-se para a reflexão de fenômenos próprios desses três períodos, partindo da análise do "sistema", e pretendendo penetrar na "caixa preta" da escola.

"Um tipo de atenuação opera-se. O abandono das ilusões da *paideia* funcionalista e o distanciamento dos encantamentos da postura crítica traduzem-se na proliferação de estudos visando testar a democracia real da escola" (pp. 320 e 321).

Partindo da análise da experiência escolar dos atores e de sua subjetividade, a sociologia da

experiência destaca mecanismos objetivos que nos informam sobre o sistema escolar, seu funcionamento e suas relações com seu meio ambiente, afirmam os autores (p. 303).

Dentro dessa perspectiva, a sociologia da experiência escolar é concebida também como uma sociologia da escola e, portanto, torna-se necessário indagar sobre o lugar dessa perspectiva no interior da Sociologia da Educação, tarefa que os autores se propuseram realizar em seu último capítulo.

Finalizando o livro, Dubet e Martuccelli apresentam uma conclusão e um posfácio. Na primeira, eles buscam apresentar os resultados, as possíveis respostas às indagações que nortearam a pesquisa. No posfácio, os autores, ao se debruçarem sobre a escola na França, apresentam alguns princípios de ação possíveis.

"Este livro gostaria de ser ao mesmo tempo científico e "engajado". Ele gostaria de dizer sobre a experiência dos atores da escola e descrever os mecanismos os mais sutis. Mas não se pode consagrar tantos esforços, ter encontrado tantos alunos e professores, ter conhecido tanto as alegrias e os sofrimentos e evitar todo julgamento". (p. 18).

Repassando as análises desenvolvidas em torno das três experiências escolares — na escola elementar, no colégio e no liceu — diferentes fenômenos são apontados, o que reforça a idéia de que

"(...) para compreender o que a escola fabrica, não basta estudar os programas, os papéis e os métodos de trabalho, é necessário também detectar a maneira como os alunos constroem sua experiência, como eles "fabricam" relações, estratégias, significações por meio das quais eles se constituem em si mesmos". (p. 14).

Se na escola elementar se

observou uma continuidade entre a objetividade das regras e a subjetividade dos alunos, conformando uma integração, no colégio, observou-se uma fase de distância extrema, o inverso do ocorrido na escola elementar, consolidando-se uma cultura adolescente, oposta ou paralela à cultura escolar (p. 328). Já no liceu, constatou-se uma redução das tensões, em que "*a diversificação da experiência acentua-se e dá lugar a uma diferenciação crescente dos indivíduos*". (p. 330).

Buscando tornar claras quais seriam as grandes linhas que deveriam conduzir a uma mutação do sistema escolar, os autores apresentam seu posfácio, destacando a importância de "... *uma mutação do sistema escolar, capaz de tornar o funcionamento mais aceitável e mais harmonioso para os alunos e professores*". (p. 337).

Encerrando a obra, Dubet e Martuccelli fazem um apelo à audácia dos educadores, no sentido de buscarem responder, mediante uma política educacional, os desafios que as transformações sociais propõem, não se fechando em uma nostalgia paralisante. (p. 346).

Enfim, pelo que foi possível abordar, nos limites deste texto, esperamos haver comunicado a importância desse livro para profissionais da Educação, bem como para psicólogos e sociólogos envolvidos com a escola e preocupados com o tema da adolescência e de juventude. A análise da experiência escolar de um grupo de crianças, adolescentes e jovens trouxe elementos férteis, que abrem portas a futuras pesquisas com desdobramentos temáticos.

Maria Amélia G. C. Giovanetti
Universidade Federal de Minas Gerais